

Ana Paula Alves Fonseca

PANAPANÁ
NOTAS SOBRE TRAVESTIS

CELACC/ECA-USP

2013

Ana Paula Alves Fonseca¹

PANAPANÁ

NOTAS SOBRE TRAVESTIS

Trabalho de conclusão do curso de especialização (*latu sensu*) em Mídia, Informação e Cultura do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura, produzido sob orientação do Prof. Dr. Wilton Garcia

CELACC/ECA-USP

2013

¹ Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Artigo redigido como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação *latu sensu* em Mídia, Informação e Cultura, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da ECA/USP, no ano de 2013, sob orientação do Prof. Dr. Wilton Garcia.

Perdi-me do nome,
Hoje podes chamar-me de tua,
Dancei em palácios,
Hoje danço na rua.
Vesti-me de sonhos,
Hoje visto as bermas da estrada,
De que serve voltar
Quando se volta para o nada.
Eu não sei se um Anjo me chama,
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar.
Eu não sei se a noite me leva,
Eu não ouço o meu grito na treva,
O fim quer me buscar.
Sambei na avenida,
No escuro fui porta-estandarte,
Apagaram-se as luzes,
É o futuro que parte.
Escrevi o desejo,
Corações que já esqueci,
Com sedas matei
E com ferros morri.
Eu não sei se um Anjo me chama,
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar.
Eu não sei se a noite me leva,
Eu não ouço o meu grito na treva,
E o fim quer me buscar.
Trouxe pouco,
Levo menos,
A distância até o fundo é tão pequena,
No fundo, é tão pequena,
A queda.
E o amor é tão longe,
O amor é tão longe.

Balada de Gisberta (Pedro Abrunhosa) – letra dedicada à transexual Gisberta, assassinada em 2006 na cidade do Porto, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, nosso pai poderoso, a Ele, feitor de todas as bênçãos alcançadas até aqui.

À família, por todo apoio e parceria durante o caminho, que, com seus ombros e suas mãos estendidas, fazem esta longa caminhada ser mais alegre e iluminada.

Ao noivo, que me traduziu o sentido da felicidade, que é só questão de ser.

Ao meu orientador Wilton Garcia, por me auxiliar na descoberta do novo e nele me encontrar.

Aos companheiros de Mídia, Informação e Cultura, por dividirem anseios e experiências.

Aos companheiros do coletivo Periferia em Movimento, por me permitirem olhar mais de perto a nossa periferia.

E ao universo Trans, que me permitiu observar sua riqueza.

Salve!

RESUMO

No contexto contemporâneo, os meios de comunicação abordam a questão da orientação/diversidade sexual com a utilização de múltiplos questionamentos, trazendo o foco para os gêneros que nela permeiam. Com a problemática baseada nas informações factuais e rasas, cria-se uma interpretação pouco difundida sobre o tema, entretanto, outras camadas comunicacionais observam a pluralidade do campo e estabelecem sua construção subjetiva. Este artigo apresenta um ensaio propositivo sobre as travestis com o objetivo de debater os olhares abordados pela mídia e algumas reflexões sobre as interpretações contemporâneas, baseado em bibliografia específica.

Palavras-chave: Travestis. Transexuais. Transgêneros.

ABSTRACT

In the contemporary context, the media addresses the question of sexual orientation/diversity based on multiple questions, bringing highlights to the genres that permeate it. With problematic based on factual and shallow information, it creates a poor reading over this theme. Nevertheless, other communication layers look at the plurality of this matter and establish a subjective construction of this. This article presents a propositional essay about the transvestites in order to discuss how media approaches the subject and reflections over the contemporary interpretation based on a specific bibliography.

Keywords: Travestite. Transsexuals. Transgendered.

RÉSUMEN

En el contexto actual, los medios de comunicación abordan el tema de la orientación/diversidad sexual con múltiples cuestionamientos, trayendo el enfoque para los géneros involucrados. Con el problema basado en informaciones y superficiales, generase una interpretación poco conocida y muchas veces prejuiciosa, sin embargo también hay otros medios que observan la pluralidad del tema y establecen una construcción subjetiva del mismo. En este artículo presenta un ensayo respecto los travestis, con el objetivo de discutir las diversas miradas de la

mídia e algunas reflexiones respecto las interpretaciones contemporâneas, con base en las bibliografias especificas.

Palabras clave: Travestis; Transexuais; Transgeneros.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Bater asas – Reflexões a partir da Cultura, Mídia e Informação	12
3. As Travestis no Brasil e no Mundo	13
4. O Panapaná	15
5. Considerações finais	21
6. Referências bibliográficas	23

1. INTRODUÇÃO

Ao observar grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador, nota-se, nitidamente, as diferenças de uma população, formada por pessoas vindas de locais distintos do país e de outras nações. Pessoas que representam comunidades inteiras, que cotidianamente se misturam, se mesclam, “fundem-se” umas às outras. Diversas culturas construídas por uma mesma sociedade, que por meio de suas ações sociais constroem uma população multicultural. Para tanto, há de se ressaltar o aspecto da diversidade cultural e sexual que emerge nessas comunidades, com formas diversas do saber, pensar e viver, como ponto fundamental ao construir-se uma sociedade contemporânea, em que se estimula cada vez mais o debate sobre o tema, como salienta Wilton Garcia (2004):

A diversidade cultural brasileira experimenta uma passagem significativa de desdobramentos (homo) eróticos, provenientes das ações afirmativas da visibilidade, cada vez mais enfática na cena contemporânea. A alteridade aparece como um mecanismo de agenciamento/negociação. Atualmente, eventos sobre a diversidade cultural e sexual vêm estimulando os debates acirrados (...). (GARCIA, 2004: p. 299)

A diversidade está relacionada a variedades, com características e elementos distintos entre si, relacionados a um assunto ou tema. É com uma amplitude de possíveis variantes que os diferentes posicionamentos, pareceres e opiniões divergentes criam novas resultantes que, segundo Garcia (2012), cria uma importante questão: “a orientação sexual não pode ser confundida com opção sexual”. O desejo é independente dos processos biopsicossociais, para além de uma escolha e, por isso, pressupõe a dignidade da diversidade sexual, haja vista que a definição de uma escolha pode não ser (pré) estabelecida categoricamente. As vontades e escolhas de uma população são de caráter democrático, partem de pressupostos de uma sociedade, contrários a quaisquer conceitos estipulados obrigatoriamente por um estado ou país, como por exemplo, em locais que obrigam uma população a seguir regras culturalmente. Esta obrigação não impede a orientação sexual de uma sociedade, mesmo em casos como esses citados, diante da obrigatoriedade, há a autonomia da escolha sexual.

No tema diversidade sexual, abordam as variantes e distintas orientações, que também são compostas pelo universo trans, formado por diferentes “opções”

que, em resumo, são: travestis, o que pode-se² designar pelo ato de “travestir-se” e se comportar como o sexo oposto; transexuais, pessoas que se comportam como as de outro sexo, desejam e/ou realizam a mudança de sexo por meio de ato cirúrgico; transformistas, que se apropriam de roupas utilizadas pelo sexo oposto, porém para outros fins, como apresentações artísticas, sem que tal escolha influencie em sua orientação sexual; e o *cross-dressing*, termo usado para se referir a pessoas que se vestem e utilizam objetos utilizados pelo sexo oposto, em função de obter uma satisfação sexual, mas esta opção pode não estar diretamente relacionada à orientação, podendo o *cross-dresser* ser um heterossexual³.

Face às diferentes formas de diversidade sexual, torna-se necessária a discussão da singularidade das orientações de cultura trans, o que podemos chamar de *Homocultura*, e que, conforme explica Garcia (2004), “revela matizes homoafetivas, homoeróticas, homossociais, homotextuais, as quais apostam na alteridade, na diversidade e na diferença”.

Diversos pesquisadores nacionais e internacionais já tiveram como objeto de estudo as travestis⁴ no Brasil. Cabe aqui realizar o recorte do estudo deste trabalho, no qual, ao observar o crescimento do contingente de travestis residentes no país, cria-se a necessidade de discussões acerca da ordem social. Berutti (2010) explica que perante uma sociedade tradicionalista, o gênero travesti é caracterizado como indivíduos distintos, que são colocados à margem das discussões.

Como sujeitos marginalizados devido à sua expressão de gênero transgressora, sua identidade não é reconhecida, acarretando exclusão de campo de trabalho, além da exclusão social. Trata-se de pleitear direitos humanos a esses novos atores sociais. (Berutti, 2010: p. 293-294)

Portanto, deve-se ampliar a compreensão e entendimento das condições de vida e dos direitos humanos pertinentes delas que, durante décadas, foram e são protagonistas da luta contra as diferenças, advindas do preconceito da sociedade.

Em razão dos diversos fatores sociais que as tornam alvos de violência e exclusão, o que é evidenciado por meio de acontecimentos que mostram a vulnerabilidade

² O termo “pode-se” é usado devido à complexidade do tema, em que são citadas resumidamente as diversas orientações contidas no universo trans.

³ Vale ressaltar como exemplo o caso do cartunista Laerte (61 anos), ícone do cartunismo brasileiro, que adotou o *cross-dressing* como modo de vida aos 57 anos.

⁴ Como explica Garcia (2007), nos dicionários de língua portuguesa, o termo travesti apresenta-se como gênero masculino, de acordo com a gramática atual. Entretanto, o uso do pronome feminino “as” para se referir a travestis foi estabelecido neste artigo em respeito à sua cultura “na condição sociolinguística e política”, que tem no gênero feminino sua identificação.

pessoal, social e pragmática das travestis, elas ficam à mercê de possíveis julgamentos e juízos de valor por, por exemplo, terem seu passado marcado por casos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. Com isso, elas se tornaram o alvo do que é chamado por Peres (2010) de “travestifobia”, agravado pelas chamadas “três epidemias” da AIDS:

(...) como sendo, dos riscos de infecção pelo HIV, do processo de adoecimento pela AIDS e, talvez mais intensa e problemática, da produção e manutenção dos processos de estigmatização presentes nas relações sociais vividas pelas travestis e seus e suas interlocutoras, afetivas pelo preconceito e a expressão de travestifobia: medo, nojo, inveja e/ou repugnância pelas pessoas travestis. (PERES, 2010: p. 304)

Tais evidências mostram o pensamento de parte de uma época em que o preconceito ainda resiste na sociedade contemporânea, tornando o conceito intrínseco instalado em camadas da população. Pensamento este, direcionado não só apenas às travestis, mas ao diferente, ao outro ser distinto.

O tema deste artigo é sobre travestis. Inicialmente, o trabalho foi intitulado “À Margem”, e teria como objetivo analisar as diversas formas de vivência da sociedade contemporânea e, mais especificamente, as pessoas que vivem à margem da sociedade, inserida na “margem da margem”, à margem da própria periferia.

Como jornalista e moradora da periferia de São Paulo, foi possível formular, ao longo dessa pesquisa, o objetivo de fazer uma reflexão sobre os conceitos marginais de uma sociedade. A ideia nasceu de discussões e experiências retratadas na mostra de curta-documentários produzida pelo coletivo Periferia em Movimento⁵, do qual sou integrante. Um dos alunos assistidos durante a oficina de cinema ministrada pelo coletivo, Adriano Souza, produziu o documentário “Economicamente Gay” (2011), que retrata a vida dos gays residentes na periferia da zona sul de São Paulo.

Durante a produção do trabalho, dentre as muitas carências expostas no ambiente periférico, notou-se a necessidade da abordagem e de discussões relacionadas à homossexualidade. Entretanto, a escolha por abordar a vida das travestis nasceu da preocupação em se analisar e refletir sobre a existência do ser marginal, posicionado, obrigatoriamente pela sociedade, à margem da margem.

⁵ Coletivo de comunicação atuante na região periférica da Zona Sul de São Paulo, formado pelos jornalistas Ana Paula Alves Fonseca, Aline Rodrigues, Sueli Reis e Thiago Borges. Mais informações em: <http://periferiaemmovimento.wordpress.com>

Segundo Bhabha (1998), as articulações sociais que representam a diferença, do ponto de vista de minorias, neste caso sendo representadas pelas travestis em contexto social periférico, são uma relação complexa, que buscam a cada momento negociar a autoridade frente aos “hibridismos culturais”. Para Bhabha, com o fortalecimento de suas raízes, o direito da periferia de se expressar se estabelece independentemente de classe:

O ‘direito’ de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reescrever através das condições de contingência e contrariedade que presidem sobre as vidas que estão ‘na minoria’. (BHABHA, Homi, 1998: p. 20)

Desse modo, o conceito de minoria, residente nas periferias, ou seja, ao redor de uma sociedade, torna-se um assunto imprescindível para inserção nos processos relevantes de uma população. Pertinente ao mesmo conceito, Pelúcio (2011), aponta que a concepção de periferia e centro contém duas camadas, que possuem em seus respectivos pressupostos mundos singulares e opostos, separados pelas desigualdades sociais:

Mundos perpassados por eixos de diferenciações que vão além dos significados socioeconômicos referidos à classe. (...) naturalidade (local de nascimento) e raça se confundem quando se fala em periferia. Dessa forma, nordestinos, ainda que possam se entender como brancos, são antes percebidos como pobres e, assim, menos brancos. O que acaba tendo implicações referentes às sexualidades, a estilos de masculinidades, de feminilidades e de vivências fora da heterossexualidade. Parece haver uma tendência entre os rapazes das classes populares em assumir de maneira mais ostensiva projetos de feminilização, o que, de certa forma, é corroborado pelo grande número de travestis oriundas desses estratos, em comparação com aquelas que são de classe média. Assim, como a presença de casais formados por pessoas do mesmo sexo com tendência a reproduzir assimetrias de gênero, também parece ter um componente de classe (...). (PELÚCIO, 2011: p. 118)

Porém, sob essa ótica, após a orientação deste artigo, foi possível perceber a linha tênue em que o trabalho se posicionava e definir-se, então, que não seria o caso de entrar no ponto de vista pertinente à sociologia e à antropologia, que busca analisar as questões sociais de uma sociedade, mas, sim, desenvolver uma análise sob a perspectiva dos estudos de Mídia, Informação e Cultura, com a interpretação e a construção propositiva textual baseada na informação, meios e aspectos culturais situados pelo universo das travestis.

Diante de tal objetivação, a escolha do objeto de estudo se deu pela obra *Studio Butterfly*, realizada por uma artista representativa, Virginia de Medeiros. A definição foi identificada em seu objetivo, em que Medeiros tem como foco a travesti, em seu projeto intitulado “Dobraduras da Matéria: uma poética do metamorfismo no corpo das travestis”, realizando uma imersão no universo dessas personagens. Outro ponto de junção que se deve ressaltar é o artigo *As Peles que Habitamos*, escrito por Fernando Tacca (2012), que ensaia sobre as impressões e indagações despertadas a partir de uma imagem fotográfica realista de uma travesti.

Para tanto, este artigo apresenta um olhar reflexivo sobre as travestis, especificamente sobre interpretações contemporâneas a respeito delas, com base em bibliografia específica sobre o tema, com fundamentação teórica do ponto de vista da Mídia, Informação e Cultura. Neste estudo foram usadas observações realizadas por alguns autores, como Stuart Hall (1995), que discute a questão de identidade; Gayatri Chakravorty Spivack (2010), que aborda a questão da subalternidade; Homi Bhaba (1998), que trata da relação de cultura entre periferia e centro; e demais autores que se aprofundam no tema travestis, como Don Kullick (1998), Cláudia Wonder (2011) e Berenice Bento (2011).

2. BATER ASAS - REFLEXÕES A PARTIR DA CULTURA, MÍDIA E INFORMAÇÃO

Sabe-se que os assuntos recorrentes de uma classe subalterna podem transcorrer como tema central de uma pesquisa, como mostra Spivack (2010), em seu livro *Pode o Subalterno Falar?*, em que a autora relata a vida de uma jovem indiana, que, diante do contexto patriarcal e pós-colonial, não possui sua autorrepresentação.

Em sua obra, a autora exterioriza a dificuldade do gênero feminino em poder ser ouvido por uma sociedade. “No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado”. (SPIVACK, 2010: pag.85). Nesse sentido, a posição da mulher, defendida pela autora, identifica-se nesta pesquisa como o lugar do feminino, da travesti, que, do ponto de vista midiático, cultural e social, é a representação da subalternidade, numa posição à margem periférica de uma sociedade. Identifica-se, portanto, neste trabalho, a

criação do debate da importância do “ser travesti”, na conjuntura do eu (*self*) e suas percepções, enquanto humano e sujeito, e pretende externar a ação do sujeito, de priorizar o que Garcia (2007) se refere como o “sujeito e sua sujeição intersubjetiva”, o sujeito que pulsa, que respira e vivencia tais questões cotidianas, obtendo a fragmentação interpretativa junto a outras sociedades, como o efêmero, a multiplicidade e a sobreposição.

Para iniciar essa discussão, cabe aqui o questionamento da compreensão da noção de identidade cultural, mais intimamente sobre a identidade, levando-se em consideração tais características já descritas no contexto contemporâneo. A discussão em torno da questão da identidade, diante do novo, observada por Hall (1998), mostra que as ciências sociais já vêm discutindo essa noção.

Porém, para o autor, há a existência de uma “crise de identidade”, que levaria à queda das velhas identidades. Com a fragmentação do indivíduo, idealizado na contemporaneidade como um sujeito unificado, cria-se a emergência de reconhecer novas identidades descentralizadas, formadas pelo processo de fragmentação, ou seja, necessita-se de uma separação natural de grupos de pessoas, conforme explica Hall (1995):

Quanto mais a vida social torna-se medida pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis – desconectadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes, atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas. (HALL, 1995: p.57)

Contudo, Hall aponta que existe uma problematização no que se refere à identidade, diante de tal complexidade que está envolvida em todos os seus aspectos. Para o autor, é impossível se obter conclusões sobre tal tema, visto que não é um processo fechado, sem que haja outros tipos de formulações de identidade.

3. AS TRAVESTIS NO BRASIL E NO MUNDO

A palavra travesti provém de raiz latina, que é originária do francês como variante da palavra “*Burlesque*” que, resumidamente, define o gênero artístico no

qual as mulheres realizavam apresentações usando roupas provocantes, a partir do século XV.

Como afirma Don Kulick (1998), a palavra travesti é derivada do verbo transvestir ou transformar. Entretanto, para Kulick, as travestis, em um número considerável, não desejam ser mulheres no sentido literal da palavra, mas requerem seus direitos em apenas ser o que são com processos de identidade próprios.

(...) elas adotam nomes femininos, estilos de roupa, penteados, maquiagem e pronome linguísticos; ingerem grandes quantidades de hormônios femininos e pagam outras travestis para injetar até vinte litros de silicone industrial em seus corpos, a fim de adquirir características corporais femininas, tais como seios, quadris largos, pernas largas, e o mais importante: nádegas grandes. Apesar de todas essas transformações, muitas das quais são irreversíveis, as travestis, no entanto, não se identificam como mulheres. Ou seja, apesar do fato de viverem suas vidas em roupas femininas (...) não desejam remover seus pênis, e não se consideram como sendo mulheres. Elas não são transexuais. Elas são ao invés, elas dizem, homossexuais – homens que ardentemente desejam homens, e que se modelam e se aperfeiçoam como objeto de desejo para esses homens. (KULICK, 1998: p. 5-6)

O ato de travestir-se como o sexo oposto, muitas vezes é considerado pelo senso comum como pertencente a um contexto da sociedade moderna, porém, há registros até mesmo na história antiga da humanidade. Um exemplo a ser citado é o imperador Heliogábalo, na Roma Antiga. Como explica Rodrigues (2004), Heliogábalo ofereceu uma quantia alta em dinheiro a um médico para que o transformasse em mulher, por meio de seu órgão genital, tornando-o o primeiro transexual da história.

Na atualidade, o mundo ocidental caracteriza o ser humano partindo da análise de seu sexo biológico, e, portanto, denomina-se a existência de apenas o feminino e o masculino. Em outras culturas, a ideia de que as pessoas se dividem em dois gêneros foi ultrapassada como, por exemplo, nas Ilhas Sulawesi, ao sul da Indonésia.

De acordo com Maria Ignez Teixeira França, em seu artigo “Os Travestis Sagrados de Sulawesi”, citado por Wonder⁶ (2011), existem cinco gêneros:

⁶ Cláudia Wonder, falecida em 2010, curitibana, nascida em 15 de fevereiro de 1955, foi uma importante artista e agitadora cultural do país. *Performer*, escritora, cantora, compositora, colunista e militante transexual brasileira pelos Direitos Humanos LGBT, também foi tema de inúmeros documentários, e participou de filmes e peças teatrais.

(...) os oroane, que são homens masculinos; as makunrai, ou mulheres femininas; as calalai, mulheres masculinas; e os calabai, homens femininos. Além desses, existe um quinto “paragênero” ou identidade: os bissu, sacerdotes com características masculinas e femininas. (apud WONDER, 2010: p. 289)

A comunidade local convive sem problemas excedentes e cada indivíduo exerce seu lugar na sociedade local, que não pratica pré-julgamentos de segregação ou diferenças e preconceitos.

No Brasil, Wonder (2010) explica que o primeiro contato de travestis com a sociedade aconteceu no século XVIII (1757):

(...) O governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire, ofereceu um jantar aos oficiais franceses da esquadra do conde D’Aché, que fazia visita oficial à cidade. (...) Os rapazes franceses, há tanto tempo no mar, pediram a presença feminina. Porém, numa sociedade provinciana como era o Rio de Janeiro naquela época, as mulheres não circulavam nas ruas, somente acompanhadas de seus maridos e mães. Quando os franceses chegaram à Casa do Governo encontraram dezenas de rapazes travestidos. (WONDER, 2010: p. 286)

O governador da época explicou aos franceses que a população não permitia a saídas das mulheres e desejou que “eles se contentassem com o que pudera conseguir”. Relata-se que o baile ocorreu e as travestis eram grumetes, termo dado ao aprendiz de marinheiro, brasileiros chamados “à força” para a o acontecimento.

O fato histórico avançou séculos na história do país e, talvez, tenha se mantido em segredo. Hoje, a travestilidade se faz valer e se estabelece, com marcas fortes na cultura nacional e internacional, despertando cada vez mais os debates sociais.

4. O PANAPANÁ

Em idioma popular brasileiro, a palavra panapaná⁷ (ou panapanã) significa coletivo de borboletas, com origem na linguagem tupi. O termo é usado para representar o objeto de estudo deste trabalho, devido à identificação com a ideia central da obra *Studio Butterfly*, de Virginia de Medeiros.

Por meio desse objeto, com base em todo o histórico já citado aqui, propõe-se

⁷ FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1 255

a reflexão sobre as travestis, principalmente, a partir do olhar abordado na arte e cultura no Brasil.

Virginia de Medeiros é artista plástica visual, natural da cidade de Feira de Santana, na Bahia, bacharel em Artes Visuais e mestre pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. A instalação *Studio Butterfly* é composta de fotografias, vídeos e objetos produzidos pela artista que abordam questões relacionadas a gênero e sexualidade.

A escolha do objeto se deu em razão de que, nas últimas duas décadas, temas acerca das travestis têm sido frequentemente abordados na mídia, em diversos formatos, tipos de veículos e em inúmeros âmbitos, desde o jornalismo até as artes plásticas.

Em 2003, Virginia, através de sua participação no Programa Bolsa Vitae, que financia projetos de arte, produziu um estúdio-instalação em um edifício na parte central da cidade de Salvador, BA, local em que recebia travestis para a produção de ensaios fotográficos. Em troca, a artista pedia fotografias pessoais e realizava entrevistas.

Diante das situações presenciadas por meio de sua obra, a artista escreveu contos que, posteriormente, também fizeram parte da instalação *Studio Butterfly*, apresentada na edição 2005-2006 do programa *Rumos*, do Itaú Cultural, no qual o ambiente do estúdio foi reproduzido. A Bienal de Artes de São Paulo também recebeu três vídeos produzidos a partir desse trabalho.

Esteticamente falando, o espaço nasceu da memória dos quartos das travestis que frequentei na pensão de Rosana (travesti proprietária da pensão), estrategicamente como um dispositivo de encontro para dar melhores condições de realizar o trabalho. (Entrevista concedida a autora em 09/04/2013)

Virgínia foi morar no centro da cidade de Salvador, onde moravam muitas travestis. Nesse período, sua dissertação problematizava os estereótipos de feminilidade difundidos pelos meios de comunicação de massa. As travestis chamaram atenção da artista porque elas construía sua imagem a partir dos estereótipos de feminilidade que ela estava desconstruindo em seu trabalho.

Acabei ficando amiga da travesti Rosana, minha vizinha, dona de uma pensão para travestis. Rosana morreu de AIDS um ano depois que a conheci, herdei seus objetos pessoais e a intimidade de me relacionar com este universo. Studio Butterfly nasceu desse encontro e o dedico a Rosana. (Entrevista concedida a autora em 09/04/2013)

Dentre as mostras que participou, “*Studio Butterfly*” também fez parte das apresentações coletivas *Paradoxos Brasil, Rumos Itaú Cultural Artes Visuais*, no Itaú Cultural, em São Paulo e no Paço Imperial, no Rio de Janeiro (2006), *I Festival da Livre Expressão Sexual*, em Salvador (2002); *Apropriações/Coleções*, no Santander Cultural, em Porto Alegre (2002); *Instalação Bahia 2001*, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador (2001); *IV Bienal do Recôncavo*, no Centro Cultural Dannemann, em São Félix (1998); e *XXI Salão Regional de Artes Plásticas da Bahia*, no Centro Cultural de Alagoinhas, em Alagoinhas.

Surgida a partir do encontro e da afetividade, segundo Medeiros (2013), a criação da instalação se deu por meio da ligação entre filosofia e arte:

Escolhi esse título (*Studio Butterfly*) porque as borboletas têm dupla existência, são um ser mutante. Assim como tantos outros animais, que vivem entre nós e que passam por metamorfoses diante de nossos olhos sem que a gente se dê conta. (...) a minha dissertação problematizava os estereótipos de feminilidade difundidos pelos meios de comunicação de massa, juntamente com retratos do meu álbum pessoal nos quais eu me constituía como mulher a partir de imagens estabelecidas pela mídia. As travestis me chamaram atenção porque elas construíam sua imagem a partir dos estereótipos de feminilidade que eu estava desconstruindo. (Entrevista concedida a autora em 09/04/2013)

Para a artista, seu trabalho é baseado em um fundamento *phatos* antropológico (nome científico dado ao discurso relacionado à mente), que busca conhecer um mundo diverso. A pesquisadora questiona a diversidade humana como talvez uma das questões mais difíceis de serem compreendidas. Na execução e resultado de sua obra, há o risco de acentuar o exotismo, o estigma ou a própria discriminação, como explica:

Esse é o maior desafio que enfrento ao transpor a experiência vivida para o espaço expositivo. Acredito que sou protegida pelo estado afetivo que me lança em cada um destes universos, provocando uma espécie de cegueira que distorce o real – ao invés do testemunho, a fábula. (Entrevista concedida a autora em 09/04/2013)

A singularidade encontrada no trabalho de Medeiros se assemelha ao texto *As Peles que Habitamos*⁸, de Fernando Tacca (2012), que trata da expressão das suas percepções acerca de uma imagem realista que, nesse caso, evidencia o rosto de uma travesti, sem maquiagem, que expõe seu perfil sem a nitidez de uma

⁸ “O título faz referência ao filme de Pedro Almodóvar: *La piel que habito* (2011), que trata de questões contemporâneas sobre gênero.” (TACCA, 2012. p.5)

pessoa. Em seu ensaio, o autor aborda sua percepção em torno da imagem “realista” de uma travesti, e, ao ser comparada com a instalação *Studio Butterfly* pode-se encontrar semelhança nas duas obras.

As composições se entrelaçam em um mesmo objetivo que, a partir do objeto de estudo em comum, valorizam ou interpretam o valor humano de casa pessoa e, por meio de suas imagens, se expõem e se deixam decifrar.

A imagem que se dá a ver mostra um processo de transformação, algo que ainda não é, mas ao mesmo tempo se processa como o lugar do não visto, do não apresentável aos nossos olhos. A proximidade íntima da autorrepresentação impacta nossa sensibilidade e os resíduos faciais deixam inúmeras dúvidas sobre sua materialidade. Podemos exercitar nossa imaginação para muitos elementos físicos que podem ter textura e densidade semelhantes, com a camada residual na face visível, mas, perguntamos: isso é importante? A revelação de tal materialidade é importante para o significado da imagem? Parece-me que não, pois podemos significar pela materialidade, e estamos procurando o imaterial da imagem. (TACCA, 2012: p.6)

Para Tacca, as autorrepresentações endógenas se encontram em determinadas peles e camadas da pessoa, e, talvez, certas imagens podem conter a sintetização de fatos ou eventos sociais, por despertar desconforto e curiosidade, ao observar a diferente imagem da travesti que é abordada, muitas vezes erroneamente, pela mídia brasileira.

Podemos explorar nosso afeto e nossa capacidade de compreensão do outro, ao deixarmos levar para o que seria essa tal caverna, ou seja, procurando nossas próprias cavernas inexploradas. O encontro com o outro, mesmo imagético, pode ser dialogicamente um encontro consigo mesmo, transformando os dois lados: de quem se mostra ou se esconde, e de quem tenta revelar, pois sem revelações não nos encontramos. (TACCA, 2012: p.6)

Antagonicamente e metodologicamente construídos de formas diferentes, os dois trabalhos expressam a mesma mensagem, a partir de um olhar sensível da arte e do jornalismo.

De um lado, a instalação de Medeiros, que retrata as boas memórias de travestis residentes no centro de Salvador e, de outro, Tacca, que traduz o sentimento endógeno despertado pela curiosidade da imagem distinta de uma travesti, marcada pela dor e experiência adquirida em sua orientação. Os dois autores mostram, por meio de suas obras, o universo real da travesti, salientando o olhar humanista do ser travesti.

Para Tacca, o pensamento sobre as travestis e como elas são abordadas inicia um debate para além do outro, para os próprios direitos de uma sociedade. Como parte dessa sociedade, com direitos referidos a si, a travesti possui seu pertencimento como sujeito social.

O que mais nos indaga pode estar exatamente onde possamos encontrar respostas, no que não se dá a ver, na face oculta, ou no duplo que se esconde. Nesse lugar invisível, mas complementar, talvez possamos tentar colocar nossa própria face, não como duplo, mas como sujeitos de uma mesma sociedade, na qual todos esses valores explícitos e implícitos são massacrados por valores morais que se sobrepõem na dominação ideológica das questões de gênero, afinal, qualquer lugar de fronteira sempre foi perigoso para os poderes institucionalizados. (TACCA, 2012: p.7)

Portanto, as duas obras obrigam a pensar a identidade de gênero que se encontra na posição da travesti atualmente. Berenice Bento (2011) salienta que a “subjetividade” contida na definição de gênero possui pouca importância nas questões que permeiam as travestis, no que se diz respeito à situação dessas personagens diante da sociedade. Elas, independente do sexo biológico, vivenciam o preconceito indireto ao ser feminino, no que se diz respeito à fragilidade de um ser diante do pensamento masculino racional.

Podemos pensar a identidade de gênero em termos de atributos e de performances. Aprendemos que o feminino é emotivo, passivo, pouco racional, enquanto o masculino é a materialização da competitividade, atividade, racionalidade. No entanto, estes atributos invisíveis só adquirem sentido quando o corpo os expressa. No ato de reconhecimento do gênero, a “essência” subjetiva do gênero tem pouca importância. As múltiplas expressões de gênero (sejam subjetivas ou performáticas) enfraquecem a noção de identidade de gênero, e nos faz duvidar da competência dessa categoria como porto seguro para orientar estudos e militância sem nenhuma problematização. (BENTO, 2011: p. 72-73)

Pontua-se aqui, a importância de se observar as travestis, partindo do ponto de vista humano, como parte importante na construção de uma sociedade e, conseqüentemente, de uma cultura. É de grande valia analisar como a questão das pessoas travestis, erroneamente, é exposta publicamente, na maioria vezes, com uma inversão de valores, ao passo que se direciona ao discurso contra-hegemônico, nos quais os aspectos alegóricos são, quase sempre, abordados pela mídia.

Personagens são amplamente marcados pelos meios de comunicação com tom de comédia, traduzindo-os em representações de um show, de um jogo de cena, em que possuem o único propósito de divertir como, por exemplo, personagens como Vera Verão⁹ e Valéria Vasquez¹⁰. Outro exemplo atual de abordagem nos meios de comunicação a ser citado é o programa Casos de Família¹¹, que expõe cenas do cotidiano da população brasileira, e, esporadicamente tem como tema central a travestilidade. Neste aspecto, Casos de Família levanta discussões sobre as travestis, expondo novas abordagens sobre o gênero apontadas pelas classes mais populares, identificadas como público do programa de televisão. Questões a respeito do feminino e a travesti são normalmente levantadas, e a questão da violência e prostituição sempre é elucidada com fatos superficiais sobre a vida das travestis, sem que haja a preocupação de aprofundamento. Por meio do alegórico, as personagens parodiam a vivência de uma travesti, e popularizam suas linguagens, trejeitos e vocabulário. Transformam-se numa analogia ao “clown”, a ideia de alegria, de contentamento momentâneo, surgido apenas para alegrar o outro. Já no contato com os novos programas populares, observam-se novos pensamentos da sociedade, em que pensar o ser travesti é lidar com o convívio do ser feminino na sociedade, independente da definição direta de gênero.

Considera-se, portanto, que neste artigo não se teve como objetivo encontrar respostas, pois o tema requer muito mais questões envolvidas. Porém, é importante ressaltar a valorização da travesti, como expressa Medeiros (2013) ao falar da instalação *Studio Butterfly*:

(...) Dar a ver o que sempre vemos sem ver. O artista é aquele que recolhe de maneira inusitada aquilo que está na percepção de todos e que, no entanto, ninguém parece perceber. (...) a valorização do sujeito criativo, corajoso e afirmativo que são as travestis. (Entrevista concedida a autora em 09/04/2013)

⁸ Personagem interpretada pelo ator Jorge Lafond, falecido em 2003, que Interpretou Vera Verão de 1987 a 2003, no programa televisivo “A Praça é Nossa”.

¹⁰ Valéria Vasquez é interpretada pelo ator Rodrigo Sant’Anna para o programa “Zorra Total”, exibido na rede Globo.

¹¹ Programa brasileiro veiculado no canal de televisão SBT e apresentado por Cristina Rocha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade, como o próprio nome já diz, tem sua raiz no diverso, no diferente, no distinto, no díspar, que constrói uma sociedade. Com a leitura e reflexão do conteúdo apresentado, traz-se para o foco central de questionamento a aceitação da ambiguidade, aceitar do ponto de vista de se identificar, tomando-se por permissão a interpretação. Onde o termo refletir é a cerne da significação do outro, com a observação de sua imagem, seu incômodo, sua alegria e sua tristeza.

Durante as primeiras observações do tema travestis, havia impressões de distanciamento, de não identificação, de não se possuir um ponto de ligação, uma linha de aproximação. Entretanto, com as justaposições encontradas no decorrer do trabalho, evidenciou-se uma conexão, antes de qualquer formação (ou permissão) de preconceitos estabelecidos pela sociedade. Portanto, por meio dessas observações, ao obter o olhar de artistas e teóricos representativos sobre o tema, pode-se afirmar que o conhecimento obtido mudou a ótica sobre as travestis.

Anteriormente à produção deste trabalho, o olhar sobre as travestis era distante e de pouca identificação, porém, com a evolução do artigo, gerou-se não apenas um olhar mais aproximado da questão, mas a assimilação de fatos enfrentados por uma sociedade.

A travesti constrói e está posicionada em uma importante questão social, está à margem, na borda de questões cotidianas do mundo atual. Está inserida num jogo de identificação, de igualdade nas diferenças comuns, do “ser” feminino, diferente e marginal, que é capaz de organizar-se social, política, econômica e culturalmente para demarcação de espaço em caráter mundial.

Após esta experiência, ou mesmo durante a pesquisa, houve a inquietação do pensar o ser diferente, de seus posicionamentos estabelecidos pelas circunstâncias sociais. Como resultado, dentre suas ações na periferia de São Paulo, o coletivo Periferia em Movimento, conforme descrito inicialmente neste artigo, idealizou o projeto “À margem da margem”.

Com o objetivo de ouvir a chamada “periferia da periferia”, o projeto mapeará grupos que representem a diferença, entre eles, as travestis, para tentar conhecer quais são as plurais divergências contidas em uma população instalada nas bordas da cidade. No segundo semestre de 2013, serão desenvolvidas matérias

jornalísticas e seleção de um representante de cada grupo para participar de uma oficina de comunicação.

Por meio do *website* Benfeitoria, que utiliza os mecanismos de *crowdfunding*¹² para financiar campanhas inscritas, serão prestados suportes para a criação de conteúdo próprio dos alunos, com técnicas jornalísticas, além da produção de um curta-documentário sobre seu cotidiano.

O objetivo é levar o acesso às técnicas de jornalismo aos alunos interessados e, ao mesmo tempo, ter o contato sobre essas realidades, além de divulgar as distintas vozes que habitam a margem. No momento, o coletivo está produzindo o levantamento dos grupos que se identificam à margem da sociedade.

A partir do estudo exposto neste trabalho, o Periferia em Movimento entende que grupos distintos podem se identificar com a questão da marginalidade social, por inúmeras causas já apresentadas. Inicialmente, ao observar a periferia da Zona Sul de São Paulo, podem ser identificados importantes atores sociais à mercê, como travestis, transexuais, transgêneros e outros que completam uma determinada minoria, tais como idosos, portadores de deficiência, ateus e/ou praticantes de religiões minoritárias, viciados em drogas, indígenas e imigrantes.

¹² Nome dado à iniciativa de financiamento coletivo ou financiamento colaborativo, realizado através de sites. Neste caso, o Periferia em Movimento promoveu a iniciativa “À margem da margem” por meio do site <http://benfeitoria.com/periferiaemmovimento>. Mais de 50 pessoas contribuíram com o projeto, que ultrapassou a meta de R\$ 2.000,00.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. *Identidade Legal de Gênero: Reconhecimento ou autorização? Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

BENTO, Berenice. *Borboletas da vida. Direção de Vagner de Almeida. Basta um dia. Direção Vagner de Almeida*. Bagoas: revista de estudos gays/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – V.2, n.2 jan./jun. 2008 – Natal: EDUFRN, 2008.

BERUTTI, Eliane B. *Travestis: Retratos do Brasil. Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

BHABA, Homi K. *O Local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L.L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador : EDUFBA, 2011.

DENIZART, Hugo. *Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

GARCIA, Wilton. *A Forma Estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo*. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.

GARCIA, Wilton. Diversidade Sexual no documentário brasileiro: estudos contemporâneos. *Bagoas: revista de estudos gays/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes*. – V.4, n.5, jan./jun. 2010 – Natal: EDUFRN, 2010.

GARCIA, Wilton. *Homoerotismo & Imagem no Brasil*. São Paulo, Nojosa, 2004.

GARCIA, Wilton. O voo raso da caturra. *Revista Dikamba*, ano 2, n.2, mar. 2012.

HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. In: textos didáticos. IFLH/Unicamp, n.18, dez., 1995.

KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago, The University of Chicago Press, 1998.

PAIVA, Raquel. BARBALHO, Alexandre. *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

PELÚCIO, Larissa. *É o que tem pra Hoje. Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador : EDUFBA, 2011.

PERES, Willian S. *Travestis Cuidados de Si e Serviços de Saúde: Algumas Reflexões. Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

RODRIGUES, Humberto. *Amor entre Iguais*. São Paulo, Mythos, 2004.

SILVA, Hélio. *Travesti: A Invenção do Feminino*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.

SPIVACK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno falar?* 1ª edição. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TACCA, Fernando Cury . A pele que habitamos. *Studium (UNICAMP)*, v. 33, p. 05-07, 2012.

WONDER, Cláudia. *Criando Gênero, fazendo história. Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.